

A TEORIA DO VERSO EM JOSÉ REBOUÇAS MACAMBIRA

Sânzio de Azevedo*

NÃO vou evidentemente falar de todos os aspectos que envolvem a metrificação ou versificação no livro *Estrutura Musical do Verso e da Prosa* (1983), de José Rebouças Macambira. Mas desejaria destacar alguns pontos dignos de atenção, não importando isso naturalmente em inteira concordância com o saudoso Mestre. Aliás, tendo tido a honra de ser seu amigo, além de colega na UFC e confrade na Academia Cearense de Letras, mais de uma vez lhe manifestei minha opinião, concordante ou discordante, a respeito de sua obra de esticólogo. Sempre estranhei que, ao valer-se da métrica greco-latina, ele desprezasse os pés ascendentes (jambo, anapesto e peônio quarto), para ficar só com os descendentes (troqueu, dátilo e peônio primo). Sabemos que embora a versificação greco-latina seja quantitativa, contando os pés e não as sílabas, o fato de os pés conterem sílabas longas e breves faz com que, há muito, se aproxime essas sílabas, respectivamente, das tônicas e átonas. Manuel Bandeira fala muito do ritmo anapéstico em Gonçalves Dias, e temos exemplo em encasilabos como este: "Anhangá me vedava sonhar", e todos os outros do "Canto do Piaga", que podem ser assim representados ritmicamente: UU-/UU-/UU-.⁽¹⁾ Perguntei um dia, publicamente, pois estava eu como debatedor em uma palestra sua, a razão deste procedimento, ao que ele me respondeu dizendo que, com isso, simplificava a teoria, facilitando a didática. Outra coisa que eu não entendia era o motivo que o teria levado a chamar a sílaba forte de tese, e a fraca de arse. O padre João Ravizza, depois de ensinar que, em latim, a sílaba longa, ou forte, é a arsis, sendo a breve, ou fraca, a tesis, observa: "Este o valor de arsis e tesis na métrica latina. Na grega era o contrário."⁽²⁾ O próprio Mestre chegou, um tanto displicentemente, a admitir que preferia seguir os gregos, mas a verdade é que, aproximando a métrica da música, preferiu usar a terminologia desta arte, em que a nota forte é designada de tético bem como o ritmo que tem início no tempo forte.

No que diz respeito à anacrusa, seria, segundo Geir Campos, na versificação quantitativa, "o nome que se

convencionou dar a uma sílaba extra, anteposta à arse inicial de um verso, e que, para conservar o esquema métrico, muitas vezes não se leva em conta na escansão".⁽³⁾ Dá o tratadista como exemplo, em nosso sistema silábico, o segundo verso da terceira estrofe de "A Valsa", de Casimiro de Abreu, poema vazado em dissílabos:

Meu Deus

eras bela

donzela

valsando...

É válido o exemplo, embora se possa ver aí mais propriamente um caso de compensação. Cabem perfeitamente na definição aqueles versos em que a sílaba inicial é perdida. É a "sílaba inicial amputável",⁽⁴⁾ da qual dá Péricles Eugênio da Silva Ramos este exemplo de Gonzaga, em que o segundo verso perde a primeira sílaba, sem o que teria onze sílabas e não dez:

- se a história nós julgarmos verdadeira
que venere o mundo com maior respeito;

Para Macambira, a anacrusa é simplesmente a sílaba fraca do verso, sílaba computada, como a nota (ou as notas) fraca da música. Diz ele: "O verso que não começa pela anacrusa deve começar pela tese, donde chamar-se tético, em oposição ao anacrústico."⁽⁵⁾ Por amor à verdade, advirto que pelo menos um esticólogo empregou anacrusa no sentido musical, ou seja, no sentido usado por José Rebouças Macambira. Trata-se de Raul Xavier, para quem anacrusa é a "Parte inicial de um verso em sílabas não acentuadas."⁽⁶⁾ O exemplo que dá é este verso de Alphonsus de Guimaraens, de "São Graal":

Subi/rei à motanha eleita orando.

* Professor do Departamento de Literatura da UFC. Doutor em Letras. Da Academia Cearense de Letras.

Confesso não comungar com a lição do linguísta cearense no que toca ao que ele chama de "vícios". Para dar apenas um exemplo de seu procedimento, citarei o verso de Olavo Bilac, no "Pantum",

Pálido o sol do céu se despedia,

que Macambira condena por ter fraca a sílaba li, razão por que propõe uma emenda: "Para corrigi-lo, basta substituir pálido por palente, pelo menos sob o aspecto métrico."⁽⁷⁾ E sugere o verso assim

Palente o sol do céu se despedia.

É verdade que logo faz esta ressalva: "É óbvio que não pretendemos - insensata ousadia - endireitar o verso do poeta; o nosso objetivo é outro, e muito diverso: facilitar didaticamente a descrição do vício."⁽⁸⁾ Em uma segunda ressalva, lembra que o vocábulo vício não deve ser tomado com muito rigor, sendo apenas "imperfeição, e não erro de métrica."⁽⁹⁾ O certo é que não consigo vislumbrar a mencionada imperfeição no verso de Bilac.

Há um ponto em que, se há discordância, é entre esticólogos e linguístas: é o caso da diérese e da sinérese. Para esticólogos como Péricles Eugênio da Silva Ramos e Rogério Chociay a diérese é a hiatização de um ditongo, ao passo que a sinérese é a ditongação de um hiato. Assim, num verso como este, de Augusto dos Anjos,

O amor, poeta, é como a cana azeda,

de "Versos de Amor", não vejo diérese em po/e/ta, e sim um hiato, já que esta é a nossa pronúncia normal. Já neste verso de Rodolfo Teófilo, do soneto "Ressurreição",

Não viste, poeta? O campo requeimado,

houve, isto sim, uma sinérese, pois o que era hiato foi transformado em ditongo. Já Rebouças Macambira, ao dar um exemplo de sinérese, por sinal exemplo perfeito, transcreveu este verso de Raul de Leoni:

No limiar das eternas primaveras,

onde realmente limiar, de três sílabas, aparece contando apenas duas sílabas. Mas logo em seguida sugere "suprimir um monossílabo do verso para transformar a sinérese em diérese: Limiar das eternas primaveras."⁽¹⁰⁾ Para a Esticologia, temos aqui um hiato, não uma diérese.

Entretanto, se copulsarmos a obra de um linguísta, como J. Mattoso Câmara Jr., vamos encontrar, como exemplos de diérese, vocábulos como fiel, cruel, muar, suor, etc. Ao que acrescenta o estudioso: "Mas a intenção estilística ou a métrica, no verso, podem aí criar a sinérese."⁽¹¹⁾ Está portanto José Rebouças Macambira muito bem acompanhado, não por um esticólogo, mas por um linguísta, e dos maiores.

Nenhuma das leves restrições feitas a alguns passos da obra de Macambira significa desapareço ao seu mérito de estudioso, dos mais sérios que já tivemos.

Cabe ainda falar, embora ligeiramente, sobre a versificação de José Rebouças Macambira em seus próprios versos, reunidos no livro *Musa de Aquém e de Além* (1981). E até mostrar uma tentativa de fuga aos padrões clássicos, justamente ele, que era um defensor de uma só versificação para todos os tempos. Sabendo-se que o hendecassílabo tem dois tipos, um com ictos em 2-5-8-11, que alguns chamam de verso de arte maior ("No meio das tabas de amenos verdores" - Gonçalves Dias), outro com ictos grosso modo em 1-3-5-7-9-11 ("Oh que ação renhida: balas sobre balas" - Franklin Dória), é interessante observar que Macambira, em 1937, compôs "O Monge" em hendecassílabos com ictos em 4-7-11:

Faz muito tempo que moro na floresta,

Longe de todos, em negra solidão.

O autor mesmo assinala, em nota ao referido livro: "Este poema tem o mérito, se algum, de introduzir um novo ritmo poético, com acentuação na quarta, sétima e undécima sílabas."⁽¹²⁾

Excelente tradutor, sua versão para o português do poema "The Raven" ("O Corvo"), de Edgar Allan Poe, segue de perto o ritmo original, demonstrando um tour de force digno de um verdadeiro artista.

- 1 - Na falta de recurso tipográfico, uso U para substituir a bráquia, ou seja, a sílaba breve ou átona.
- 2 - RAVIZZA, P. João. *Gramática Latina*. 9ª ed. Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1940, p. 416.
- 3 - CAMPOS, Geir. *Pequeno Dicionário de Arte Poética*. Rio de Janeiro, Conquista, 1960, p. 19.
- 4 - RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *O Verso Romântico e Outros Ensaios*. São Paulo, Cons. Estadual de Cultura, 1959, p. 13.
- 5 - MACAMBIRA, José Rebouças. *Estrutura Musical do Verso e da Prosa*. Fortaleza, Sec. de Cultura e Desporto, 1981, p. 13.
- 6 - XAVIER, Raul. *Vocabulário de Poesia*. Rio de Janeiro, Imago/MEC, 1978, p. 12.
- 7 - MACAMBIRA, José Rebouças. Op. cit., p. 88.
- 8 - MACAMBIRA, op. e loc. cit.
- 9 - Ibidem.
- 10 - MACAMBIRA. op. CIT., p. 310.
- 11 - CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Ozon, 1969, p. 119.
- 12 - MACAMBIRA, José Rebouças. *Musa de Aquém e de Além*. Fortaleza, IOCE, 1981, p. 44.